



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE BACHARELADO E LICENCIATURA EM PSICOLOGIA

EMANUEL FLORENCIO COSTA

**O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO NO “CONTO DA SERPENTE VERDE E
DA LINDA LILIE”, DE GOETHE**

CAMPINA GRANDE
2015

EMANUEL FLORENCIO COSTA

O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO NO “CONTO DA SERPENTE VERDE E DA
LINDA LILIE”, DE GOETHE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do título de Psicólogo e Licenciado em Psicologia.

Orientador: Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio.

**CAMPINA GRANDE
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C837p Costa, Emanuel Florencio.

O processo de individuação no "Conto da Serpente verde e da linda Lilie", de Goethe. [manuscrito] / Emanuel Florencio Costa. - 2015.

27 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2015.

"Orientação: Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio, Departamento de Psicologia".

1. Individuação. 2. Goethe. 3. Jung. I. Título.

21. ed. CDD 155.2


EMANUEL FLORENCIO COSTA

O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO NO “CONTO DA SERPENTE VERDE E DA LINDA LILIE”, DE GOETHE

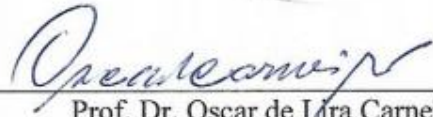
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do título de Psicólogo e Licenciado em Psicologia.

Orientador: Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio.


Aprovado em: 19/06/2015



Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio/UEPB
Orientador



Prof. Dr. Oscar de Lira Carneiro/UFCG
Examinador



Prof.ª Dra. Maria Goretti Ribeiro/UEPB
Examinadora

RESUMO

Nosso objetivo, neste trabalho, é discutir o processo da individuação sofrido pela Serpente no *Conto da Serpente verde e da linda Lillie*, da autoria de Goethe. Para tanto, fazemos um resumo da biografia de Jung e dos seus principais conceitos, os quais serão retomados durante a análise do enredo do conto. A fim de realçar a universalidade de tal arquétipo, realizamos um levantamento de algumas formas de representação da serpente na sociedade judaico-cristã, na Medicina, no Candomblé, a fim de que, no campo da Psicologia Analítica, possamos melhor entender o porquê de tão frequentes representações de tal animal, ora adorado, ora temido.

Palavras-Chaves: Individuação, serpente, Jung, Goethe.

SUMÁRIO

1 - Introdução	5
2- O conto da serpente verde e da linda Lilie	5
3 – Johann Wolfgang von Goethe	6
4 – Carl Gustav Jung	6
5- O Modelo Psíquico proposto por Jung	9
6- Inconsciente pessoal, inconsciente coletivo e arquétipos	11
7- Persona, arquétipo do herói, sombra, anima e animus	12
8- Religião	14
9 – O processo terapêutico, individuação e Self	14
10- A Serpente na Tradição judaico-cristã	17
11- A Serpente na Medicina	18
12- A Serpente no Candomblé	20
13- Análise do processo de Individuação da Serpente no Conto	21
14 – Comentários finais	23
Abstract	25
Referências	26

O processo de individuação no “Conto da Serpente Verde e da linda Lilie”, de Goethe

Emanuel Florencio Costa*

*Aluno de Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde na Universidade Estadual da Paraíba(UEPB) – Campus I – Campina Grande – PB.

E-mail: efcosta@gmail.com

1- Introdução

A serpente é simbolizada de inúmeras formas, dependendo dos mitos presentes nas variadas culturas. No Ocidente, na sociedade judaico-cristã, a serpente é sinônimo de Satanás, o tentador que provocou a expulsão de Adão e Eva do Paraíso. No Oriente, a serpente é frequentemente cultuada como símbolo da sabedoria. Na Bíblia, além de remeter ao pecado original, ela também assume uma forma de “deusa” que deve ser reverenciada. O aspecto curador da Medicina também é simbolizado na serpente do bastão de Asclépio. No Candomblé, um orixá representado por uma serpente simboliza força e riqueza. Na Psicologia Analítica, a serpente é um símbolo dos aspectos fundamentais da psique, sendo tomada como um arquétipo, tal como propôs Carl Gustav Jung e, aqui, será discutida por nós objetivando ilustrar como, na teoria daquele autor, dá-se o processo de individuação, tal como apresentado no *Conto da Serpente verde e da linda Lilie*, de Goethe. Para a discussão em pauta, adotamos a Hermenêutica como ferramenta capaz de interpretar tanto um texto literário, quanto textos científicos. A confecção do presente opúsculo se justifica como meio através do qual obteremos o Grau de Licenciado em Psicologia Clínica e como forma de incorporar conhecimentos à nossa formação pessoal, considerando-se o quão pouco a obra de Carl Jung é estudada no Curso de Psicologia que ora concluímos.

2- O conto da serpente verde e da linda Lilie

O conto escrito e publicado por Goethe, em 1795, fala das peripécias da Serpente Verde. É uma peça literária apontada por inúmeros críticos como hermética (ou até esotérica), dada a rica simbologia adotada pelo autor em sua narrativa. Em linhas gerais, no conto, os principais personagens são: a Serpente Verde que deseja manter-se brilhante; a linda Lilie que almeja a realização da profecia de que haveria uma ponte ligando as duas margens do Rio e o Príncipe que anseia a restauração do seu reino. Ali,

sinteticamente se conta que, partindo da dicotomia de elementos como luz e trevas e de um desejo meramente individual é possível se construir, através do sacrifício, um caminho unificador baseado no Amor, caminho este que beneficia uma coletividade e é superior à Sabedoria, à Aparência e ao Poder.

3 – Johann Wolfgang von Goethe

Johann Wolfgang von Goethe(1749-1832) viveu na época da Revolução Francesa e do Iluminismo, quando o ideal racionalista começou a separar a religião das ciências da natureza. Enquanto era estudante de Direito, assistia aulas de Anatomia, Medicina e Química. Após ler a análise das plantas, de Carl Von Linné (Lineu), interessou-se pela investigação científica, estudando também Hermetismo e Alquimia. Toda essa gama de conhecimentos fez a sua obra ser um contraponto ao cartesianismo em vigor na sua época, pois, para ele, a história natural e a história humana estariam unidas: o homem estaria unido com a natureza numa existência divina. Goethe era conselheiro do Grão-Ducado de Weimar e também foi presidente da Sociedade Mineralógica de Jena. Tornou-se mundialmente conhecido por suas obras Fausto I e Fausto II, mas publicou diversos trabalhos em Mineralogia, Morfologia, Botânica e sobre as cores. É considerado por muitos como um dos principais poetas da língua alemã.(KESTLER,2006.)

4 – Carl Gustav Jung

Carl Gustav Jung nasceu em 26 de julho de 1875 na aldeia de Kesswil que pertencia a Turgovia, Suíça, filho de Paul Achilles Jung e Emilie Jung. Seu pai era um pastor protestante e sua mãe dona de casa. Seu avô paterno, também chamado Carl Gustav Jung, era médico e reitor da Universidade da Basileia e Grão-Mestre da Loja Maçônica da Suíça. O seu avô materno, Samuel Preiswerk, era um teórico que estudou durante toda a sua vida o hebraico, na esperança de ser esta a língua falada no Céu. Além disso, tinha visões e conversava com os mortos. Boa parte dos homens da família Preiswerk eram sacerdotes que estudavam o ocultismo (STEVENS,2012).

Esta miscelânea de ideias envolvendo medicina, religião e ocultismo influenciou a personalidade de Jung. O pensamento dele era caracterizado por uma dualidade que permeará toda a sua teoria, na medida em que ele será sempre influenciado, ao longo de toda a vida, por fatores opostos ou em oposição: individuais e coletivos, racionais e místicos (SILVEIRA,1981; STEVENS,2012).

Quando criança, voltando da escola para casa, Jung tem uma visão incomum para alguém que foi criado numa igreja protestante:

Reuni toda a coragem, como se fosse saltar nas chamas do Inferno e deixei o pensamento emergir: diante de meus olhos ergue-se a bela catedral e, em cima, o céu azul. Deus está sentado em seu trono de ouro, muito alto acima do mundo e, debaixo do trono, um enorme excremento cai sobre o teto novo e colorido da igreja; este se despedaça e os muros desabam (JUNG, 1986, p.47):

Inicialmente ele se sente aliviado por haver-se permitido ter essa visão. De certa forma, isso significou a libertação de todos os dogmas e rituais da Igreja Cristã, mais especificamente da igreja cristã evangélica, da qual o pai dele era pastor somente pelo fato de não ter conseguido outra profissão na vida (JUNG, 1986).

Na Universidade, ele seguiu a carreira médica, interessando-se pela Psiquiatria. Na Clínica de Burghölzli, Jung investigava o que se passava no *espírito* do doente mental. Nenhum dos seus colegas estava interessado nisso. Nessa época, o doente mental não era tratado como um ser humano, era apenas numerado e diagnosticado. Não existia uma Psicologia para o doente mental. Diferente dos seus colegas, Jung acreditava que a terapia com o doente mental teria seu início e fim na história pessoal do paciente. Portanto, o médico deveria fazer perguntas nesse sentido e não somente focando nos sintomas da doença. É neste período que ele tem o primeiro encontro com os escritos de Freud (JUNG, 1986).

O encontro de Freud e Jung se deu em fevereiro de 1907. Jung tinha escrito *Psicologia da Demência Precoce* e manteve contato com Freud, que o convidou para a sua casa em Viena. A primeira conversa, iniciada a uma hora da tarde, durou trezes horas. Jung achava Freud muito importante, inteligente e notável. Ele percebeu, neste primeiro contato, a importância essencial que Freud atribuía aos fatores sexuais, inclusive na análise de obras de arte. Sempre quando via algo referente à espiritualidade, Freud alegava se tratar de “sexualidade recalcada”. Outra característica observada em Freud era seu caráter dogmático. Isto seria questionado no futuro e viria a provocar a ruptura entre os dois, tendo em vista o caráter antidogmático de Jung, revelado quando de seu rompimento com os dogmas da igreja protestante (JUNG, 1986).

Desde aquele primeiro encontro, porém, a amizade (e a transferência) ocorreu naturalmente entre Freud e Jung. Para Freud, Jung seria o seu filho responsável pela continuação da sua obra e, para Jung, Freud era o pai que ele perdeu tão cedo. Além disso, houve o intercâmbio entre analistas de Veneza e Zurich, que contribuiu para a criação da revista *Jahrbuch für psychoanalytische und psycho-pathologische*

Forschungen, dirigida por Bleuler e Freud e editada por Jung. Sua circulação ocorreu a partir de 1909. Esta união entre Veneza e Zurich foi essencial para a história do movimento psicanalítico, pois foi a partir dela que a psicanálise se tornou visível para outros países. Nessa época, a psicanálise só era prestigiada por um pequeno grupo de judeus que se reunia na casa de Freud (FREUD,2012).

Como Freud se julgava velho demais para coordenar a expansão do movimento psicanalítico, a escolha óbvia para fazê-lo era Jung, por ser mais jovem e não judeu. Ele também pensava em transferir o centro psicanalítico para Zurique. Com tais objetivos, Freud então funda a Associação Psicanalítica Internacional (*International Psychoanalytical Association* - IPA), em 1910, para regulamentar o exercício da psicanálise, tendo Jung como presidente (FREUD,2012).

Com o passar do tempo, as divergências entre Freud e Jung foram aumentando, até que Jung publicou o livro *Metamorfoses e símbolos da libido* que marcou o fim da relação entre os dois. Freud, em seu texto *Contribuição à História do Movimento Psicanalítico*(1914), revela sua fúria ao relatar as duas principais dissidências iniciais que ocorreram na psicanálise. Inicialmente ele comenta sobre Adler, que mudou o nome da sua Psicologia para Psicologia Individual, priorizando o Eu em detrimento do impulso libidinal. Ao analisar o caso de Jung, Freud o acusa de querer diminuir a importância do fator sexual na psicanálise. Aparentemente, nem o próprio Freud compreendia a teoria de Jung: “[...] é tão confusa, opaca e obscura que fica difícil tomar posição ao seu respeito.”(FREUD,2012,p.318). Ele acusou Jung de incorporar à psicanálise elementos de misticismo religioso e antropologia. Jung então denomina sua Psicologia de Psicologia Analítica (também conhecida como Psicologia Profunda) (FREUD,2012).

Após a perda do “pai” Freud, Jung passou por um período de isolamento e depressão, pois havia perdido todas as referências para o seu trabalho. Ele então decide tomar por base os sonhos dos seus pacientes como eles se apresentavam. Nesse período ele teve também uma série de sonhos e visões. A visão mais marcante aconteceu em 1913, quando viu um mar de sangue se estendendo pela Europa com inúmeros corpos humanos, tratando-se claramente de uma visão do futuro, qual seja, a Primeira Guerra Mundial. Durante a sua reclusão, Jung se dedicou ao desenho de mandalas (“círculos”, em Sânscrito). Segundo ele, a mandala significa Transformação – Formação e representa o si-mesmo, a totalidade do ser (JUNG,1986).

Um aspecto muito incomum que está ligado a Jung é o fato dele haver construído uma torre que representasse o seu inconsciente. Na verdade, podemos considerar isso como sendo expressão da necessidade de materialização do material psíquico simbólico. Isto confere àquele material o caráter de eternidade, afinal uma construção pode durar centenas de anos. Isso poderia ser uma alusão que Jung fazia da sua própria psique como sendo dotada de um aspecto eterno. Além disso, a torre tem para Jung o significado de abrigo psíquico e o seu simbolismo está ligado aos mortos. Dois acontecimentos importantes estão ligados à torre: O primeiro é o falecimento da mãe de Jung em 1923, dois meses após o qual Jung começa a construção da primeira torre. O segundo é que, após a morte de sua esposa, em 1955, ele decide acrescentar mais um andar na parte central que liga as duas torres (JUNG,1986).

Após aquele período de isolamento, Jung viajou por vários continentes, descobrindo os arquétipos nos mitos e religiões primitivas. No período da 2ª Guerra Mundial ele ficou recluso na sua casa em Zurique. Inicialmente a sua obra não teve o mesmo alcance da de Freud, por ser rotulada de mística e de difícil compreensão. Durante toda a sua vida, Jung procurou conhecer a si mesmo através da integração de conteúdos inconscientes. A sua metodologia, baseada no conceito de inconsciente coletivo e demonstrada a partir de desenhos de mandalas, estudos da Alquimia e investigações antropológicas veio acrescentar novos elementos que não desvalorizavam a sexualidade já estudada por Freud. Jung faleceu no dia 6 de junho de 1961, com 86 anos, após sofrer dois acidentes vasculares cerebrais na mesma semana (JUNG,1986;STEVENS, 2012).

5- O Modelo Psíquico proposto por Jung

Na figura abaixo, temos uma visão geral do modelo proposto por Jung. Ele é constituído por círculos concêntricos os quais procuram demonstrar que o *inconsciente pessoal* tem sua origem no *inconsciente coletivo*. No círculo mais central, temos o *Si-mesmo*(Self), imerso nos *arquétipos* que constituem o inconsciente coletivo. No próximo nível, temos o inconsciente pessoal composto por *complexos*. A camada mais externa é formada pelo *Ego* que está ligado diretamente ao Self(Si-mesmo).

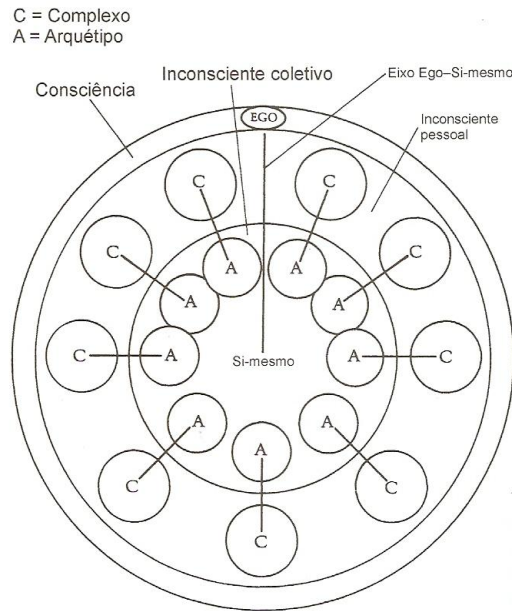


FIGURA 1 – Modelo psíquico proposto por Jung. Fonte: STEVENS, 2012. p. 62

Em seus estudos, Jung utilizou a *associação de palavras*. Tal método consiste no avaliador (médico) falar para o paciente uma série de palavras sem relação entre si. Para cada palavra o paciente deve dizer a primeira coisa que vem à sua mente e este tempo de resposta é cronometrado. Jung descobriu que, para algumas palavras, o tempo de resposta era bem maior e também gerava diversas reações no paciente, como hesitação, alegria, tristeza etc.(SILVEIRA,1981).

Após o contato com a *Interpretação de Sonhos*, de Freud, Jung cria o conceito de complexos “temas emocionais reprimidos capazes de provocar distúrbios psicológicos permanentes ou mesmo, em alguns casos, sintomas de neurose.” (JUNG,2008, p.28). Esses temas emocionais reprimidos inconscientemente são a explicação do desconforto e da demora na resposta do paciente no teste de associação de palavras (SILVEIRA,1981).

O conceito de *complexo* foi modificado por Jung. Na Figura 1, observa-se que os complexos estão ligados aos arquétipos e são gerados a partir destes: “Os complexos são *personificações* dos arquétipos – meios pelos quais os arquétipos se manifestam na psique pessoal.” (STEVENS, 2012, p. 61). Como exemplo, podemos tomar o arquétipo materno que tem atributos do cuidado e do carinho. O complexo desse arquétipo seria como esses atributos do arquétipo estão presentes na vida de uma determinada pessoa.

Para uma melhor compreensão do que vem a ser arquétipo, falaremos antes do inconsciente pessoal e do coletivo.

6- Inconsciente pessoal, inconsciente coletivo e arquétipos

O *inconsciente pessoal* proposto por Jung vai muito além daquele que serve de base para a Psicanálise. Ele não é somente um conjunto de tendências sexuais infantis reprimidas, mas a base da vida psíquica do indivíduo, sendo composto de todo o material que ainda não chegou à consciência. Obviamente que este material não é somente de natureza sexual, mas compreende toda a história de vida do indivíduo. O inconsciente pessoal tem sua origem no inconsciente coletivo, além de ser dinâmico, jamais se achar em repouso e não ter fim, vez que os conteúdos inconscientes sempre estarão sendo produzidos pelo indivíduo por toda a sua vida (JUNG,1987).

O *inconsciente coletivo* é o nível mais profundo de inconsciente, do qual se origina o inconsciente pessoal. Ele contém elementos impessoais que estruturam a psique de toda a humanidade e são transmitidos hereditariamente. Muitos dos eventos que a humanidade considera como inexplicáveis pela ciência tem sua origem no inconsciente coletivo. O mecanismo regulador do inconsciente coletivo é o Si-mesmo (Self, com S maiúsculo em oposição a self que é sinônimo do Ego)(SILVEIRA,1981). Como Jung mesmo explica:

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de *complexos*, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de *arquétipos*(JUNG, 2014, p. 51).

Além do Si-mesmo(Self), que está ligado diretamente ao Ego(self) do indivíduo, o inconsciente coletivo é formado pelos *arquétipos*. “O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matrizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta”(JUNG,2014, p. 14). Essas matrizes tem sua origem na vivência de situações comuns a todos os seres humanos como, por exemplo, a perda de uma pessoa querida, o casamento, o fato da mulher se tornar mãe, a

busca por uma grande aventura, lutas entre povos etc. Também podemos considerar os arquétipos como formas de energia psíquica cuja manifestação se observa nos contos de fadas, artes, sonhos e mitos, por exemplo. (SILVEIRA,1981).

7- Persona, arquétipo do herói, sombra, anima e animus

A *persona* era a máscara usada pelos gregos nas suas apresentações teatrais. É também conhecida como o arquétipo da conformidade, ou seja, a forma como nos apresentamos ao mundo. É um acordo que nossa psique inconsciente faz com o nosso ego e representa o nosso papel social. Uma pessoa pode ser, simultaneamente, professor, filho, marido etc.: em cada uma dessas situações está em ação uma persona. Este arquétipo começa a se formar durante a infância, através da imitação de outras pessoas e também como forma de adaptação, já que alguns comportamentos são aceitáveis e outros não. A persona utiliza elementos do inconsciente coletivo e também é um dos principais inimigos para o processo da individuação (ALBERTINI,FREITAS,2009; STEVENS, 2012).

Dentre todos os arquétipos, o *arquétipo do herói* é um dos mais conhecidos pela humanidade. Mesmo possuindo algumas peculiaridades que variam conforme a cultura, este arquétipo é reconhecido pelas seguintes características (JUNG, 2008, p. 142):

Ouvimos repetidamente a mesma história do herói de nascimento humilde mas milagroso, provas de sua força sobre-humana precoce, sua ascensão rápida ao poder e a notoriedade, sua luta triunfante contra as forças do mal, sua falibilidade ante a tentação do orgulho(*hybris*) e seu declínio, por motivo de traição ou por um ato de sacrifício “heróico”, no qual sempre morre.

Jung acreditava que o mito(representação do arquétipo) do herói poderia aparecer tanto no indivíduo quanto na sociedade para estabelecer uma identidade coletiva. No indivíduo este arquétipo estaria representado na luta para alcançar a maturidade. Na sociedade, o ideal juvenil de lutar e se sacrificar por um ideal é usado pelos governantes para criar uma identificação nacional, podendo gerar regimes de governo totalitários (JUNG,2008).

A *sombra* é o arquétipo oposto ao Ego. Ela contém características da nossa personalidade de que não gostamos(ou não podemos suportar conscientemente) em nós mesmos. Uma forma de se reconhecer a sombra é quando alguém critica outras pessoas. Na verdade, ocorre uma projeção da sombra desse indivíduo na pessoa que recebe a crítica. Isto é válido também para um grupo de pessoas ou uma nação. Os nazistas

projetaram as suas piores características nos judeus na Segunda Guerra Mundial (JUNG, 2008). Atualmente o Estado Islâmico está projetando sua sombra nos cristãos.

O confronto com a sombra é um dos mais difíceis na terapia analítica, mas essencial para quem deseja alcançar a individuação. A sombra não contém somente elementos negativos, mas também impulsos criadores e por isso deve ser assimilada conscientemente. Ela também contribui para a formação da estrutura perversa, quando não ocorre vínculo afetivo entre a criança e os pais (JUNG, 2008). Ou, conforme Sanford (1988, p. 72):

Em algumas crianças esse vínculo nunca se estabelece e as defesas emocionais necessárias contra o lado obscuro da *sombra* acabam não existindo ou são muito fracas. Isso acontece no crescimento de personalidades criminosas ou sociopáticas, devido a uma identificação do ego com a sombra.

A classificação estrutural como neurose, psicose ou perversão também é usada na Psicanálise. Sua diferenciação foge aos objetivos deste trabalho. Devemos apenas deixar claro que, diferentemente do que diz o trecho acima, nem todo perverso é mau. O termo “perverso” é somente uma nomenclatura de estrutura e não uma forma de conduta.

A psicologia analítica trabalha com o equilíbrio psíquico e a compensação mental, por isso Jung propôs dois arquétipos: a *anima* e o *animus*. A *anima* corresponde ao lado feminino inconsciente do homem e o *animus* ao lado masculino da mulher. A *anima* é determinada inicialmente pela mãe do homem e, dependendo de como ela é assimilada, pode ter vários efeitos sobre a vida dele, tais como deixá-lo insensível, confiante, emotivo, uma pessoa facilmente dominada pelas mulheres etc. (JUNG, 2008).

No seu aspecto mais rudimentar, a *anima* pode se apresentar através de fantasias eróticas ou através de uma paixão arrebatadora, coisa não muito incomum quando um homem mais velho conhece pela primeira vez uma mulher com metade da sua idade. Quanto mais o arquétipo for ignorado, mais forte e irracional será a paixão. Se o homem conseguir perceber e aceitar a sua *anima* ele poderá usufruir dos seus aspectos positivos: a escolha da mulher certa como companheira; poder usar melhor os seus sentimentos, além de somente a lógica e também contemplará um melhor autoconhecimento dos elementos da sua psique (JUNG, 2008).

O *animus* é mais sutil que a *anima* e pode ser observado quando uma mulher se mostra dominadora, insistente e sempre desejando o amor do outro. Um aspecto negativo do *animus* é que a mulher pode se tornar extremamente individualista,

chegando até mesmo a querer que filhos não casem, para não “perdê-los” para outra mulher. O animus também possui características positivas que são algumas qualidades ditas masculinas, como a iniciativa, a coragem e a objetividade. Diferentemente da anima, que geralmente é dirigida a uma só mulher, o animus pode ser empregado na coletividade, por isso não é raro o número de mulheres que lutam por um ideal ou causa que contribua para a coletividade (JUNG,2008).

8- Religião

Para Jung a religiosidade tem uma função psíquica. A religião tem o sentido de *religio*(*re e ligare*): Religar o inconsciente ao consciente devido ao fato desta função ter sido ignorada ou deturpada por muitas pessoas. Tomando como exemplo a Trindade Cristã, observa-se uma evolução no arquétipo divino, já que um único Deus se torna três. O Deus Pai seria o estado original do arquétipo. Com o passar do tempo, o homem percebe que a criação divina foi imperfeita, daí advindo, como consequência, o bem e o mal nas suas escolhas. O Filho vem então para salvar o homem do mal e lhe revelar o Espírito Santo que deverá ser o seu guia (SILVEIRA,1981).

Nesta proposta, bem se percebe, o arquétipo feminino não é representado. Somente após a “Declaratio Assumptions Mariae” do papa Pio XII é que Maria veio assumir a posição divina feminina no cristianismo. Mesmo assim o arquétipo feminino está incompleto, pois Maria só tem os atributos de ser mãe e virgem. Não uma mulher completa que tenha outras características como liderança, força etc. Como os arquétipos são dinâmicos e evoluem, estes outros aspectos da mulher são vistos hoje nos movimentos feministas (FRANZ,1999).

O cristianismo, assim como qualquer outra religião, tenta ligar o ego do homem ao arquétipo divino. Entretanto, observa-se que a religião muitas vezes não consegue fazer uma ligação plena com os arquétipos. Neste caso, cabe ao indivíduo procurar integrar os arquétipos à sua religiosidade de forma individual.

9 – O processo terapêutico, individuação e Self

O processo terapêutico desenvolvido por Jung se baseia na relação terapeuta x paciente. O terapeuta, além do *aspecto curador*, tem um *aspecto ferido*, como compreenderemos melhor, a partir do que em seguida será exposto. Da mesma forma, o paciente tem um aspecto ferido, mas também curador. Esta concepção tem por base o mito do centauro Quíron, que foi atingido acidentalmente por uma flecha do seu discípulo Hércules e, em virtude disso, desenvolveu uma ferida incurável. Na busca pela cura, ele descobriu vários remédios que ajudavam outras pessoas, mas não ele mesmo.

Por isso ficou conhecido como o “curador ferido” (ALBERTINI, FREITAS, 2009; OLIVEIRA, 2007). O esquema terapêutico idealizado por Jung é mostrado na figura abaixo:

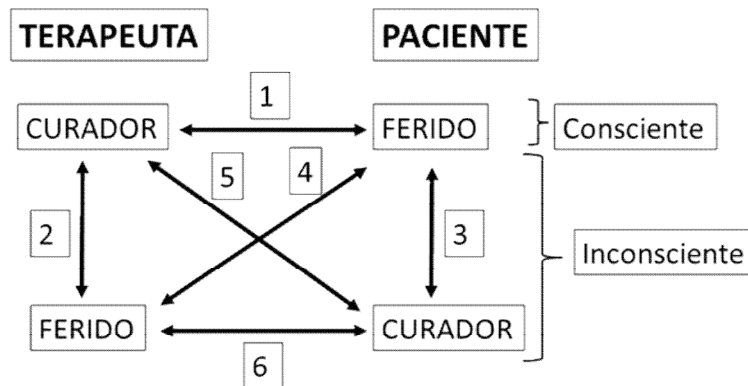


Figura 2 – Modelo terapêutico da psicologia analítica. Adaptado de (ALBERTINI, FREITAS, 2009, p. 27)

Na primeira coluna, temos que, conscientemente, o terapeuta tem o papel de ser alguém que conhece a respeito das doenças psíquicas e pode prover a cura. Inconscientemente, ele também está ferido, já que ninguém é perfeito e ele ainda possui áreas da sua psique que precisam ser tratadas. O paciente também consciente chega ferido à terapia, necessitando de cuidados, embora investido também de seu aspecto curador (ALBERTINI, FREITAS, 2009).

Na seta de número 1, temos a relação consciente entre terapeuta e paciente. O paciente que está doente chega com a sua queixa e seus problemas para o terapeuta que tem o papel de curador, por possuir um treinamento específico para “compreender” e “curar” os problemas do paciente. Na seta número 2, representa-se o relacionamento do terapeuta com o seu inconsciente, que aqui tem a característica de ser ferido. Ele somente poderá “curar” o paciente se estiver em contato com o seu lado ferido, pois só assim ele poderá usar a sua empatia nas intervenções. A seta 3 mostra a relação entre o aspecto consciente ferido do paciente com o seu lado curador inconsciente. Isto se torna cada vez mais evidente no decorrer do processo terapêutico, já que o paciente irá percebendo que a solução para os seus problemas estava em si mesmo e desde o início ele tinha a “cura”, mas esta estava inconsciente e apenas veio à consciência através da terapia (ALBERTINI, FREITAS, 2009).

Nas setas 4 e 5 é demonstrada a relação dinâmica que acontece no processo terapêutico envolvendo os aspectos ferido e curador do terapeuta e do paciente. A seta

número 6 ocorre no nível totalmente inconsciente e uma das formas de ser observada é através dos sonhos como uma função compensatória da seta número 1. Como exemplo, poderíamos citar uma situação: em um sonho do terapeuta, o paciente é um guia que lhe mostra a solução para um problema pessoal (ALBERTINI, FREITAS, 2009).

Se bem pensarmos, esse aspecto curador é que conduzirá ao processo de individuação. A *individuação* muitas vezes é confundida com a *individualidade*. Jung traz uma explicação precisa, diferenciando estes dois conceitos:

Individualismo significa acentuar e dar ênfase deliberada a supostas peculiaridades, em oposição a considerações e obrigações coletivas. A individuação, no entanto, significa precisamente a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano; é a consideração adequada e não o esquecimento das peculiaridades individuais, o fator determinante de um melhor rendimento social. A singularidade de um indivíduo não deve ser compreendida como uma estranheza de sua substância ou de suas componentes, mas sim como uma combinação única, ou como uma diferenciação gradual de funções e faculdades que em si mesmas são universais. Cada rosto humano tem um nariz, dois olhos, etc., mas tais fatores universais são variáveis e é esta variabilidade que possibilita as peculiaridades individuais. A individuação, portanto, só pode significar um processo de desenvolvimento psicológico que faculte a realização das qualidades individuais dadas; em outras palavras, é um processo mediante o qual um homem se torna o ser único que de fato é. Com isto não se torna “egoísta”, no sentido usual da palavra, mas procura realizar a peculiaridade do seu ser e isto, como dissemos, é totalmente diferente do egoísmo ou do individualismo (JUNG, 1987, p. 49-50).

O tornar-se um ser único é um processo longo e demorado que lida com o sofrimento principalmente no confronto com a sombra. A individuação não pode ser confundida com a perfeição. Ela conduz o indivíduo à completude, ou seja, fazer com que o indivíduo aceite conscientemente que terá que conviver com tendências opostas e irreconciliáveis da sua natureza, sejam elas boas ou más (SILVEIRA, 1981).

Tomadas de forma dinâmica, as etapas do processo de individuação compreendem: 1) reconhecer e eliminar as personas utilizadas durante a vida do indivíduo; 2) reconhecer e assimilar a sombra para que ela não seja projetada nas outras pessoas; 3) confrontar a anima (homens) e o animus (mulheres) – isto fará com que o indivíduo consiga se diferenciar do outro nos seus relacionamentos e na sua convivência diária. No final do processo de individuação, o indivíduo encontrará o seu Self e

também aprenderá a respeitar melhor a vida humana, tanto no seu aspecto individual, como no social (SILVEIRA,1981).

O *Self*, que é simbolizado como sendo o centro da mandala, representa a psique humana. Ele é um arquétipo que se mostra nos sonhos durante o processo da individuação. Ele tem a forma de uma sacerdotisa nos sonhos da mulher e de um homem sábio nos sonhos do homem. Sempre aparece nos sonhos nos momentos em que ocorrem grandes mudanças ou são decisivos na vida do sonhador (JUNG,2008).

O Homem Cósmico é uma das representações do Self, pois ele significa o início e o final da vida, compreendendo tanto a parte exterior, quanto a interior (psique) do indivíduo. Ou seja, o objetivo do homem não é apenas comer, dormir, desejar etc., mas ser o ser o indivíduo único que somente ele pode chegar a ser. Isto ocorre quando o Ego se une ao Self. No cristianismo, o exemplo de Homem Cósmico é Cristo (JUNG,2008).

10- A Serpente na Tradição judaico-cristã

Na tradição judaico-cristã, a figura da serpente aparece em vários momentos dos textos sagrados. Falaremos de apenas quatro destes momentos para exemplificar. Inicialmente a serpente, o animal mais sagaz de todos os animais selvagens, apresentase como símbolo de Satanás que tenta a mulher, oferecendo-lhe o fruto da árvore do conhecimento do Bem e do Mal (Gn 3:1-6). A serpente simboliza aqui a tentação que conduz ao pecado.

No livro de Mateus 10:16 Jesus enquanto dá as instruções sobre como seus discípulos deveriam se comportar enquanto estivessem pregando as “Boas Novas”, menciona uma qualidade positiva da serpente: “sede, portanto, prudentes como as serpentes”. Aqui a serpente simboliza cautela.

Em Números, 21:1-4, é narrada uma história em que o povo hebreu se revoltou contra Deus e Moisés à caminho da Terra Prometida. Deus então enviou serpentes que mordiam o povo, causando assim a morte de várias pessoas. O povo então se arrependeu e clamou a Moisés, que por eles intercedeu: Deus mandou que fosse feita uma serpente de bronze para que, quem houvesse sido mordido, olhando-a, ficaria curado. A serpente, nesse contexto, tem o caráter de vida e morte, assim como na medicina. Veremos isto mais adiante (ARTUSO,CATENASSI, 2012).

A serpente, na forma de dragão, é mostrada em Apocalipse 12:3-4. Ele é descrito como sendo um enorme monstro vermelho, com sete cabeças e dez chifres. A sua função aqui é lutar e ser derrotado pelos anjos de Deus, liderados por Miguel (Apocalipse 12:7-12). O dragão é responsável por muitas mortes e destruição. Uma

análise das metáforas ali apresentadas é matéria que foge ao escopo deste trabalho. A serpente aqui se mostra como destruidora – que pode, porém, ser destruída.

Como se pode observar, no Cristianismo a serpente apresenta uma simbologia muito voltada para o Mal, embora ainda possua a qualidade da prudência. Na Bíblia, ela finda sendo o oposto de Deus, poderíamos até dizer que ela é “uma sombra de Deus”, usando os conceitos da Psicologia Analítica.

11- A Serpente na Medicina

Os gregos influenciaram de maneira decisiva nossa cultura. Para eles, o deus que representa a Medicina é Asclépio, o qual possui como símbolo um bastão com uma serpente em torno dele enrolada. Após a 1ª Guerra Mundial, o caduceus, um bastão com duas cobras enroladas e duas asas, símbolo de Hermes, tem sido considerado também, em alguns países, como o símbolo da medicina (NASCIMENTO,2006;REZENDE,2009).

Figura 3 – Bastão de Asclépio.



Fonte:
<http://www.jmrezende.com.br/asclepioeobastao.html> (2014).

Figura 4 – Caduceus.



Fonte: http://mountiewire.com/wp-content/uploads/2011/12/219229-caduceus01_large-274x300.jpg (2014).

Asclépio(Esculápio, para os romanos) é filho de Apolo e da ninfa Coronis. Foi criado pelo centauro Quíron, com quem aprendeu a manipular plantas medicinais. Além de curar os doentes, passou a ressuscitar os mortos e, por causa disso, foi morto por um raio mandado por Zeus, que depois se arrependeu e o transformou em um deus. Até mesmo Hipócrates, o pai da medicina, menciona Asclépio e suas filhas Hígieia(nome do qual se originou a palavra “higiene”) e Panacéia (“aquela que socorre” e simboliza a terapêutica), no juramento feito por todos os médicos recém-formados (NASCIMENTO,2006;REZENDE,2009).

Asclépio sempre aparece com um bastão e a serpente. Segundo REZENDE(2009),existem várias explicações para o significado do bastão e da cobra:

Em relação ao bastão:

- Árvore da vida, como seu ciclo de morte e renascimento;
- Símbolo do poder, como o cetro dos reis e o báculo dos bispos;
- Símbolo da magia, como a vara de Moisés;
- Apoio para as caminhadas, como o cajado dos pastores.

Em relação à serpente:

- Símbolo do bem e do mal, portanto da saúde e da doença;
- Símbolo da astúcia e da sagacidade;
- Símbolo do poder de rejuvenescimento, simbolizado na troca periódica da pele dos ofídios;
- Ser ctônico, elo entre o mundo visível e invisível.

Doutra forma, o caduceu composto por duas serpentes aladas faz referencia a Hermes (Mercúrio para os Romanos), que inicialmente era o deus protetor dos pastores nômades e guardião das estradas e dos caminhos, mas que acabou se tornando um deus desonesto, astuto, mentiroso e protetor dos ladrões. Aprendeu a arte da adivinhação com Apolo e com isto começou a predizer o futuro através de seixos. Com o domínio da sabedoria e das ciências ocultas, era o mensageiro entre Zeus e Hades. Sua função é ser o condutor de almas, um deus psicopompo. Aqui podemos fazer a relação entre a função do terapeuta que é a de ser guia que “leva para a luz”, o paciente que se encontra no “sofrimento infernal” dos seus problemas.(BRANDÃO,1987)

Após o seu nascimento Hermes roubou parte do rebanho do seu irmão Apolo e só confessou o crime com a intervenção de Zeus. Para recuperar a confiança do seu irmão, presenteou-o com uma lira fabricada com tripas de boi. Depois, inventou a flauta de Pã que foi trocada com seu irmão pelo caduceu. As duas serpentes do caduceu simbolizam o bem e o mal, o diurno e o noturno que estão em equilíbrio e são responsáveis pela paz(NASCIMENTO,2006;REZENDE,2009)

Existem algumas explicações que falam de como o símbolo da medicina(bastão de Asclépio) passou a ser confundido com o símbolo do comércio(caduceu de Hermes): Primeira, a adoção do caduceu em obras de caráter médico, pelo editor suíço Johan Froebe,no séculos XVI; segunda, a atribuição do nome “caduceu” ao bastão de Asclépio e a sua adoção pelo Exército Norte-Americano, proposta em 1902 pelo capitão

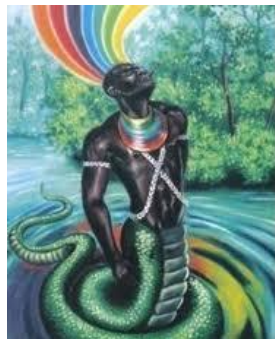
Frederick P. Reynolds. Dessa forma, a partir da Primeira Guerra Mundial(1914-1918), o caduceu ficou amplamente conhecido como o símbolo da medicina por causa do fardamento das tropas americanas (NASCIMENTO, 2006; REZENDE, 2009)

Em linhas gerais, a serpente simbolizada em Hermes e Asclépio possui um caráter de equilíbrio, já que possui a significação de bem(saúde) e mal (doença). Além desse equilíbrio para produzir a paz, a serpente representa a sagacidade e o rejuvenescimento. Pode-se concluir então que a serpente, na Medicina, possui características positivas, já que o propósito maior dessa prática científica é promover a saúde do indivíduo e das coletividades.

12- A Serpente no Candomblé

No Candomblé, existe o orixá Oxumarê, que é representado sob a forma de arcos-íris ou de uma serpente. Ele simboliza força, riqueza, fortuna e dualidade, pois assume ora a forma de macho, ora de fêmea. Segundo Verger(1999, *apud* CASTRO, 2012, p. 2): “Oxumarê apresenta-se como uma serpente que morde a sua própria cauda, formando assim um círculo fechado. Simbolizando a força vital do movimento e de tudo o que é alongado, ele sustenta a terra, impedindo-a de desintegrar-se”(CASTRO, 2012).

Figura 5 – Oxumarê.



Fonte http://www.raizesespirituais.com.br/wp-content/uploads/2011/03/oxumare_cobra1.jpg (2014).

No sincretismo entre o Candomblé e o Catolicismo, São Bartolomeu recebeu os atributos de Oxumarê. Seus iniciados, no Candomblé, usam o “brajá” que é uma espécie de colar e lembra as escamas de uma serpente. Eles também podem segurar uma serpente de ferro forjado. Segundo Prandi(2001 *apud* CASTRO, 2012), Oxumarê se

uniu com Exu e usurpou o trono da sua mãe, Nanã, ao transformar-se em uma serpente para aterrorizar o palácio e a nação jeje(CASTRO, 2012).

No Candomblé, mais especificamente na figura da divindade Oxumaré, a serpente tem a função de trazer o sustento e equilíbrio para a terra. Além disso, a característica da metamorfose está presente, pois Oxumaré se transforma em arco-íris ou serpente, assumindo forma de homem ou de mulher em determinadas épocas do ano (CASTRO, 2012).

13- Análise do processo de Individuação da Serpente no Conto

A Primeira coisa a ser destacada quando se lê uma obra como o conto da Serpente Verde é a história do seu autor. Goethe era maçom e um estudioso da cabala, hermetismo e alquimia. Isto confere muito simbolismo a sua obra. A escolha de uma serpente como protagonista da história parece ser proposital, tendo em vista sua característica simbólica, como se pode destacar:

O dragão, isto é, a serpente representa a *inconsciência primordial*, pois este animal – como dizem os alquimistas – gosta de permanecer “in cavernis et tenebris locis”: Esta inconsciência deve ser sacrificada. Só então poder-se-á encontrar a entrada para a cabeça, isto é, para o conhecimento consciente(JUNG, 2013,p. 95).

A Serpente deve morrer para que o conhecimento inconsciente venha a emergir. Também é possível aqui uma comparação com o processo terapêutico que visa o descobrimento e a aceitação das partes inconscientes da psique para que o indivíduo cada vez mais se torne responsável pelas suas escolhas existenciais.

A jornada da Serpente se inicia após ela engolir o ouro jogado pelo barqueiro, perceber-se brilhante e transparente. Aqui já podemos marcar como sendo o início do processo terapêutico aonde o indivíduo reconhece a existência do seu inconsciente. Isto lhe traz luz(autoconhecimento) e o faz perceber de forma diferente as coisas ao seu redor: “Todas as folhas pareciam esmeraldas, todas as flores ficavam transfiguradas da forma mais esplendorosa”(GOETHE,2003,p.11).

Após transpor a planície, a Serpente finalmente encontra pessoas semelhantes a si: “Finalmente encontrei alguém como eu!” (GOETHE,2003,p.11). Aqui ocorre a identificação com a persona, o indivíduo acha que a persona é ele, mas na verdade ela não o é. A Serpente se identificou com a aparência brilhante e achou que os Fogos-Fátuos eram como ela, iguais a ela. Na verdade, apenas pareciam com ela com relação ao brilhar.

A função da Serpente não era o brilhar, mas o de servir de ponte: “Pois era mesmo a Serpente que cada dia, ao meio-dia, arqueava o corpo sobre o Rio e tomava assim a forma de uma ponte.”(GOETHE,2003,p.26). Não uma ponte qualquer, mas uma ponte adornada de metais preciosos: jaspe, prásio, esmeraldas, crisóprasos e crisólitas(GOETHE,2003,p.26). Mas, mesmo com toda essa beleza, ela ainda havia que esperar pelo cumprimento da profecia e, somente assim, ela poderia atingir o seu Self, qual seja, servir de ponte e de travessia para cavalos, carroças e viajantes de todo tipo, ou seja, para tudo e para todos, vez que, em seu estado original, ela apenas servia de ponte para humanos e pedestres.

A Serpente, para salvar o Príncipe, envolve-o na forma de um círculo: “Ela descreveu, com seu corpo flexível, um amplo círculo em volta do cadáver, agarrou com os dentes a ponta da cauda e ficou ali tranquila” (GOETHE,2003,p.34). Esse ato de envolver em movimento circular é uma alusão ao Uróboro (figura 6), a serpente-dragão que devora a própria cauda. Ele confere proteção aos “perigos da alma”. Poderíamos dizer que a proteção é contra tudo o que venha contra o processo de individuação, como refere Jung: (JUNG, 2012,p. 64):

“Traçar um círculo protetor [...] é um antigo recurso usado por todos os que se propõem a realizar um projeto estranho e secreto. Desta forma protegem-se dos “perils of the soul” (perigos da alma) que ameaçam de fora quem quer que se isole por um segredo. Por outro lado, usa-se também tal recurso desde os tempos mais remotos, a fim de delimitar um território sagrado e inviolável.”(JUNG, 2012, p. 64):

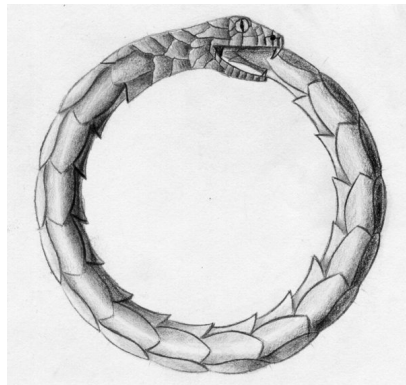


Figura 6 – Uróboro. Fonte:
<http://edsonfloyd.blogspot.com.br/2014/07/please-mrs-floyd-is-there-anybody-out.html> (2015) .

O movimento circular também simboliza a união dos opostos. Esta é uma das metas para se atingir o Self, como diz Jung: “O movimento circular também tem a significação de todas as forças luminosas da natureza humana, arrastando com elas todos os pares de opostos psicológicos, quaisquer que sejam. Isto significa autoconhecimento através da autoincubação.”(JUNG,2013,p. 32).

Para terminar o processo de individuação e chegar ao Self, a serpente deve cumprir com o objetivo do arquétipo do herói, o qual ela encarna. O objetivo do arquétipo, neste caso específico, é o “Sacrificar-me antes de ser sacrificada.” (GOETHE,2003,p.39). Esse sacrifício é necessário para fazer o Príncipe morto voltar à vida. Imediatamente após a morte da Serpente, o arquétipo da transformação(transmutação) se manifesta: a Serpente se transmuta em pedras preciosas que irão formar a ponte para ligar as duas margens do rio. No dizer de Jung, transmutação é isto:

“Outra forma ainda é uma mutação propriamente dita, ou seja, o renascimento total do indivíduo. Neste caso, a renovação implica mudança de essência, que podemos chamar de transmutação. Trata-se da transformação do ser mortal em ser imortal, do ser corporal no ser espiritual, do ser humano no ser divino. Um exemplo muito conhecido é o da transfiguração miraculosa de Cristo.”(JUNG, 2014, p. 118):

Esse aspecto divino e imortal da transformação remete diretamente ao Homem Cósmico do cristianismo. O Cristo é também uma forma de serpente. Segundo Jung “A ideia da transformação e renovação pela serpente [...] é um arquétipo comprovado. Trata-se da serpente da cura, que representa um deus.[...]. Para os ofitas, Cristo era a serpente.” (JUNG,2012,p.157). A relação da serpente se transformar em ponte para ligar as duas margens do Rio também pode simbolizar Cristo, já que sua missão foi servir de caminho entre Deus e os homens: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim” (João 14:6).

14 – Comentários finais

A individuação é a meta do processo terapêutico proposto por Carl Gustav Jung e somente é alcançada através de uma longa jornada, através da qual o indivíduo deve confrontar e assimilar partes importantes da sua psique. O próprio Jung em sua autobiografia *Memórias, Sonhos e Reflexões* destaca que este processo é muito demorado e muito difícil de ser conseguido em apenas uma vida. Mesmo assim ele próprio conseguiu e revelou que o principal não é se chegar até a individuação, mas a jornada, que por si só vai produzir muitos efeitos na vida do indivíduo.

O *Conto da Serpente verde e da linda Lillie* apresenta muitos arquétipos que são simbolizados nos personagens. Por se tratar de uma literatura fantástica e seus personagens apresentarem características humanas, este trabalho procurou fazer uma pequena reflexão sobre o processo da individuação e os arquétipos envolvidos na Serpente que são arquétipo do herói e o da transformação. Lembramos também que obra completa de Carl Gustav Jung é composta de trinta e cinco livros e que a sua teoria contém vários conceitos como tipos psicológicos, sincronicidade, etc., que fogem ao escopo deste trabalho.

THE INDIVIDUATION PROCESS EXEMPLIFIED IN THE GOETHE'S TALE OF
THE GREEN SNAKE

Abstract

Our goal in this paper is to discuss the individuation process undergone by the Serpent in the “Fairy Tale of the Green Snake and the Beautiful Lily”, of Goethe's authorship. To achieve it, we make a summary of Jung's biography and its main concepts, which will be taken into consideration throughout the analysis of the fairy tale's plot. In order to enhance the universality of such an archetype, we conducted a survey on some forms of representation of the serpent in Judeo-cristian society, in Medicine, in Candomblé, so that, in the field of analytical psychology, we can better understand why representations of such an animal, sometimes loved, sometimes feared, are so frequent.

Key-Words: Individuation, snake, Jung, Goethe.

Referências

ALBERTINI,P.; FREITAS, L.V.(Org).**Jung e Reich: articulando conceitos e práticas**.Rio de Janeiro:Guanabara Koogan,2009.

ARTUSO, V; CATENASSI, F. Z. “A ambivalência do simbolismo da serpente em Nm 21,4-9: uma análise na ótica dos conflitos”, in **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 10, n. 25, p. 176-200, jan./mar. 2012.

BÍBLIA SAGRADA. Português. 2ª ed. Revista e atualizada no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil,1993.

BRANDÃO,J.S.**Mitologia Grega volume II**. Petrópolis:Vozes,1987.

CASTRO, V. V. *DAN*: “A serpente arco-íris”,in **Diversidade Religiosa**, João Pessoa, v.1, n.2, 2012.

FRANZ, M. V.**Psicoterapia**.São Paulo: Paulus,1999.

FREUD,S. **Obras completas**, volume 11: “Totem e tabu: contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos” (1912-1914). São Paulo :Companhia das Letras,2012.

GOETHE,J.W.V. **O Conto da serpente verde e da linda Lilie**. Tradução Roberto Ahmad Cattani. São Paulo: Landy,2003.

JUNG, C.G. **Memórias, sonhos, reflexões**. Rio de Janeiro :Nova Fronteira, 1986.

_____. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro :Nova Fronteira, 2008.

_____. **O Eu e o inconsciente**.Petrópolis,RJ : Vozes, 1987.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis,RJ :Vozes,2014.

_____. **Estudos alquímicos**. Petrópolis, RJ :Vozes,2013.

_____. **Psicologia e alquimia**. Petrópolis,RJ :Vozes,2012.

KESTLER, Izabela Maria Furtado. “**Johann Wolfgang von Goethe**: arte e natureza, poesia e ciência”, in **Hist. cienc. Saúde -Manguinhos**, Rio de Janeiro , v. 13, supl. p. 39-54, Oct. 2006 .

Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702006000500003&lng=en&nrm=iso>.

acesso em 06 Junho 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702006000500003>.

NASCIMENTO, CNG; Ramos, MO; LICHTENSTEIN , A. “Símbolo da medicina”, *in RevMed* (São Paulo). 2006 abr.-jun.;85(2):66-70.

OLIVEIRA, R. F. **Nas pegadas de Quíron, o curador ferido**:manejo da teoria e técnica no campo transferencial à luz da Teoria dos Campos.2007. Dissertação(Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2007

REZENDE, J. M. *O Símbolo da Medicina: Tradição e Heresia*. 2009. Em: <<http://www.jmrezende.com.br/>> acesso em: 12 março 2015.

SANFORD, J. A. **Mal**:o lado sombrio da realidade. São Paulo: Paulus,1988.

SILVEIRA, N. **Jung**: vida e obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

STEVENS,A. **Jung**. Porto Alegre, RS:L&PM,2012.